

**Discursos políticos e história das revoluções cidadã e bolivariana**

---

Rafael Araujo<sup>1</sup>

**Resumo:** Entre 1998 e 2016, assistimos ao protagonismo dos governos de esquerda na América Latina, em um ciclo político denominado de onda rosa. Essas gestões foram marcadas pelo questionamento às práticas políticas e econômicas neoliberais e pela adoção de uma práxis política, que entre vários aspectos, apropriou-se das histórias nacionais. Assim, neste artigo, analisaremos a história, a historiografia e as ideias políticas das intituladas Revolução Cidadã (2007-2017), Equador, e a Revolução Bolivariana, iniciada em fevereiro de 1999 na Venezuela.

**Palavras-chaves:** Revolução Cidadã; Revolução Bolivariana; Ideias Políticas.

**Political discourses and history in the citizen and Bolivarian revolutions**

**Abstract:** Between 1998 and 2016, left-wing governments took center stage in Latin America in a political cycle known as the pink wave. These administrations were marked by the questioning of neoliberal political and economic practices and the adoption of a political praxis that, among other things, appropriated national histories. In this article, we will analyze the history, historiography and political ideas of so-called the Citizen Revolution (2007-2017) in Ecuador and the Bolivarian Revolution, which began in February 1999 in Venezuela.

**Keywords:** Citizen Revolution; Bolivarian Revolution; Political Ideas.

## Introdução

Entre 1998 e 2016, assistimos ao protagonismo dos governos de esquerda na América Latina. Entre a primeira eleição de Hugo Chávez para a presidência venezuelana, em dezembro de 1998, e o controverso *impeachment* de Dilma Rousseff, no Brasil, em agosto de 2016, presenciamos gestões governamentais de esquerda que notabilizaram-se, sinteticamente, pelo questionamento às práticas políticas e econômicas neoliberais e pela adoção de um novo agir político que redimensionou o relacionamento entre governos, partidos e movimentos sociais.

A vitória Chávez foi sucedida de outros êxitos eleitorais de lideranças políticas de esquerda. Em razão disso, observamos o início de um novo ciclo político na história da região, que foi denominado nos meios acadêmicos de “onda rosa”. Esta expressão foi utilizada para referenciar as diversas experiências governamentais deste campo e apresentar as suas distintas perspectivas políticas e programáticas.<sup>II</sup>

Em razão da pluralidade e da heterogeneidade destas esquerdas, que governaram distintos países da região nas duas primeiras décadas do século XXI, optamos por dividi-las em dois grupos. O primeiro foi o de centro-esquerda. Este caracterizou-se pela implementação de programas de governo que coadunaram políticas sociais à manutenção dos paradigmas econômicos neoliberais. Nesse agrupamento, incluímos as gestões de Nestor e Cristina Kirchner na Argentina, entre 2003 e 2015; Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff no Brasil, entre 2003 e 2016; Tabaré Vázquez e Pepe Mujica, representantes da Frente Ampla que governou o Uruguai entre 2005 e 2019; entre outros casos.

O segundo grupo foi composto por uma esquerda mais radicalizada. Esta notabilizou-se pelos traços nacionalistas, antineoliberais, anti-imperialistas e reivindicadores do aprofundamento da participação popular, por meio da construção da democracia participativa. Igualmente, este grupo apresentou a proposta de construção de um novo projeto socialista, denominado de socialismo do século XXI. Evo Morales, presidente da Bolívia entre 2006-2019; Rafael Corrêa, mandatário do Equador entre 2007 e 2017; e Hugo Chávez, presidente venezuelana entre 1999-2013, foram os principais expoentes desse campo da esquerda radical e pretenesamente revolucionária.

Segundo Leyton<sup>III</sup>, na Bolívia, no Equador e na Venezuela tivemos governos revolucionários neste início de século XXI. Estes foram marcados pelas proposições anticapitalista, antineoliberal, anticolonial e pró-socialista. Em sua avaliação, as transformações políticas e institucionais foram fundamentais nestes processos, pois não houve alterações no controle da propriedade privada dos meios de produção ou na estrutura de classes. As mudanças institucionais foram centrais e as novas Cartas Magnas simbolizaram a refundação nacional, consistindo nos principais emblemas destas revoluções.

Ao abordar o caso venezuelano, Steve Ellner<sup>IV</sup>, por exemplo, defendeu premissas próximas a de Leyton. De acordo com o autor, embora radical, o chavismo não possuiu correlação com outras experiências históricas do socialismo real, como a cubana ou chinesa, ou, ainda, com os governos social-democratas europeus da segunda metade do século XX. Segundo ele, o chavismo foi uma experiência original e deve ser refletido a partir desta singularidade, em especial, no que tange a defesa da participação popular, que, para nós, foi um dos seus marcos mais significativos.

Assim, objetivamos, com este artigo, analisar a história, a historiografia e as ideias políticas das auto intituladas revolução cidadã (2007-2017) e revolução bolivariana, processo este iniciado em fevereiro de 1999 e que ainda encontra-se em andamento sob a gestão de Nicolas Maduro, sucessor de Hugo Chávez na presidência venezuelana.

**Discurso político, passado e revolução no Equador e na Venezuela**

Segundo Karl Marx<sup>V</sup>, os homens não fazem sua história segundo sua livre vontade. Cada escolha está sempre defrontada com acontecimentos passados. Em períodos revolucionários, onde o desenrolar dos fatos políticos aponta para a construção de um novo, os homens recorrem à tradição e aos “espíritos do passado, tomando-lhes emprestados os nomes, os gritos de guerra e as roupagens, a fim de apresentar, nessa linguagem emprestada, a nova cena da história universal”.

O apelo ao passado foi constante nos pretensos processos revolucionários ocorridos na América do Sul no início do século XXI. Nas intituladas revoluções cidadã e bolivariana, e história e a memória das lutas de independência do século XIX foram reivindicadas pelos atores políticos e sociais em seus discursos políticos.

A busca de uma identidade com o passado objetivou a edificação da imagem de Rafael Corrêa e Hugo Chávez, em especial, enquanto próceres de revoluções que almejavam construir a “segunda independência latino-americana”. Desta forma, os atores da resistência à colonização e da independência reapareceram nos discursos dessas lideranças com o intuito de legitimar os processos políticos equatoriano e venezuelano.

A apropriação do passado nos discursos políticos atendeu, desta forma, ao desejo de construção da imagem revolucionária por parte desses mandatários. A constituição de uma “imagem de si”, uma das metas fundamentais do discurso político, segundo Amossy<sup>VI</sup>, residiu nessas lideranças na demonstração de que os processos transformadores por eles liderados almejam a criação de uma nova independência nacional, que foi associada às mudanças socio-econômicas.

As distintas imagens e símbolos dos passados nacionais foram valorizados no imaginário social equatoriano e venezuelano com o intuito de persuadir os grupos sociais a apoiarem cada governo. Como afirmado por Maingueneau<sup>VII</sup>: “(...) o discurso político mobiliza cenografias variadas uma vez que, para persuadir seu co-enunciador, devem captar seu imaginário, atribuir-lhe uma identidade invocando uma cena de fala valorizada”.

O uso das imagens dos resistentes à colonização espanhola; a reutilização das figuras dos próceres da independência em relação à América Hispânica no século XIX ou e a reivindicação dos líderes progressistas das revoluções liberais daquele século objetivaram glorificar os processos políticos transcorridos neste início de século XXI com as áureas do passado, tal como já havia ocorrido, por exemplo, na Revolução Cubana, com a apropriação simbólica de José Martí.

A utilização de tal passado em períodos revolucionários não almeja parodiá-lo ou fazê-lo caminhar outra vez, mas aclamar as novas lutas, engrandecer na imaginação popular as tarefas e sacrifícios revolucionários a serem cumpridos, almejando o encontro do espírito da revolução.

O “espírito da revolução” não se fez presente, apenas, com a utilização das imagens dos próceres da independência, mas também com as suas formulações teóricas. Consignas como liberdade, insurreição, dignidade e independência, por exemplo, aparecem constantemente nos discursos, com a intenção de legitimar o presente de lutas.

Essa associação do presente com o passado pode ser vista na fala do ex-presidente equatoriano Rafael Corrêa:

Já faz mais de duzentos anos, em Quito, Eugenio de Santa Cruz y Espejo, com a edição das “Primicias de la Cultura de Quito”, se constituía como autor intelectual do movimento libertário de 10 de agosto de 1809, sedimentado no futuro, levantava chamadas de dignidade, inflamava os corações, engrandecia os espíritos com sonhos de liberdade. Andrés Bello, talvez o humanista mais sensível do seu tempo, fundava a

ARAÚJO, R.

“Gaceta de Caracas”; duas vezes próximas no tempo, unidas pelos mesmos ideais, forjavam a insurreição, conspiravam, carregavam ideias poderosas, ferramentas para a emancipação das consciências, nesses tempos de batalha em que nossos povos assumiram a liberdade como uma urgência de vida, que desembocaram em 10 de agosto de 1809 em Quito e em 16 de abril de 1810 em Caracas, os ventos sopravam a favor dos insubordinados, dos rebeldes, a favor da utopia libertária. Sofremos juntos também os massacres de 02 de agosto de 1810 em Quito e de abril de 1812, no solo venezuelano.

Pouco depois, Bolívar, com um olhar amplo e profundo sobre a nossa América (...) Cada região, com suas próprias condições, fortalezas e infortúnios, é analisada, mas o fator comum, a coluna vertebral que conforma o ideário de Bolívar, é a necessária unidade de todos os povos, como afluentes do grande oceano independentista. Essa luta vai se construindo com Eugenio Espejo, Francisco Miranda, Andrés Bello e Antonio Nariño; se nutre do sacrifício dos mártires de Quito, de Caracas, de Chuquisaca, de la Junta Tuitiva no Alto Peru; este combate ocorre com o sangue de agosto de Quito e de abril em Caracas, dos patriotas de Buenos Aires, esta luta nos pertence (...) (Tradução do autor)<sup>VIII</sup>.

A reutilização do passado de lutas contra os espanhóis objetivou legitimar uma nova tradição de lutas políticas e as transformações culturais, econômicas, políticas e sociais desenvolvidas por estes governos. A criação de “tradições políticas” por instituições estatais e organizações sociais intencionou, não obstante, a mobilização de grupos sociais contra os opositores aos processos revolucionários.

A memória das lutas de emancipação foi utilizada para revisar aspectos históricos e para subverter categorias, suposições e ideologias das memórias dominantes. Os ícones da independência de cada nação foram supervalorizados, com a finalidade de legitimação dos atuais processos de transformação social.

Henry Rousso<sup>IX</sup> afirmou que a memória é uma reconstrução psíquica e intelectual que leva a uma representação seletiva do passado ou a própria presença do passado. As representações do passado observadas em determinadas épocas ou lugares constituem, desta maneira, a manifestação mais evidente da memória coletiva. Não objetivamos, neste artigo, debater o caráter individual ou coletivo da memória. Mas pensar, apenas, que a sua evocação, no que concerne às lutas de independência, convém aos possíveis movimentos revolucionários por ser uma ferramenta útil à edificação de uma identidade nacional, afeiçoada a este processos e úteis ao surgimento de novas culturas e ideologias.

A edificação de símbolos, mitos, a evocação dos heróis nacionais e as cerimônias públicas intencionaram solidificar no imaginário social deste dois países tradições políticas que associassem as lideranças políticas à transformação social e sedimentassem o apoio às nominadas revoluções. A construção desse imaginário ocorreu através de discursos políticos que pretendem “(...) ser, em seu propósito, um discurso de verdade que diz qual é o sistema de valores em nome do qual deve se estabelecer o elo social (...)”.<sup>X</sup>

Assim, Rafael Corrêa e Hugo Chávez associaram as suas bandeiras políticas nacionalistas e transformadoras, em especial, ao passado de lutas contra a colonização espanhola. Essa ligação ocorreu por meio da utilização nos discursos políticos de temáticas políticas similares a do passado, tais como: anticolonialismo, soberania nacional, liberdade, dignidade e construção de uma identidade nacional pautada por símbolos e valores locais.

A história de lutas almeja, nos recentes processos políticos sul-americanos, o despertar de um sentimento nacionalista, fomentado pelos discursos anti-imperialista e de soberania estatal proferidos pelas lideranças políticas. As suas variadas “falas” possibilitaram o reaparecimento de uma consciência de classe que ganhou dimensões cívico-nacionais, pois estabeleceu a associação das melhorias socioeconômicas com a implantação de um conjunto de

“tarefas nacionais”, tais como: nacionalização dos recursos naturais e de empresas estratégicas, desenvolvimento produtivo e distribuição de renda.

A radicalização política das bases sociais desses movimentos governos reforçou o potencial da consciência nacional. Poderíamos afirmar que a América do Sul experimentou durante a onda rosa um momento político que uniu radicais transformações sociais e um forte nacionalismo. Os discursos políticos buscaram a ligação constante da inclusão social e da distribuição de renda com a ocorrência de políticas estatais nacionalistas e soberanas.

O anti-imperialismo e a proposição de maior integração da região, materializada na criação da Alternativa Bolivariana para as Américas (Alba) e na União das Nações Sul-americanas (Unasul), ilustraram, por exemplo, a busca da autonomia política e econômica da região frente aos interesses externos. Como afirmado por Chávez: “(...) É esse medo da democracia, a Alba, que surge como um mecanismo de integração novo, uma novidade, marcado pela solidariedade (...) o Mercosul, a Unasul, tudo nasce, é parte da grande revolução latino-americana”.<sup>XI</sup>

Para além da construção de novas identidades nacionais, os discursos políticos de Chávez e Corrêa almejavam a edificação de novas ideias, de uma nova ética e de um novo conceito político. Este adveio de uma interação complexa entre discursos e ações políticas que produziram uma nova consciência cidadã. Neste dois objetos de análise, tais fatores pleitearam a perpetuação dos processos revolucionários, a partir do alastramento de sua influência junto à opinião pública.

Neste sentido, coadunaram-se às reflexões de Charaudeau<sup>XII</sup> sobre a construção da opinião pública que originou-se pela composição de dois elementos: a essencialização e a fragmentação. Esta decorreu da multiplicação/super-posição de opiniões coletivas, que entraram em conflito e criaram antagonismos, muitas vezes justificados na história ou na memória coletiva. Já aquele converteu uma opinião relativa, passível de discussão, em uma opinião coletiva absoluta, fazendo-a em nome de uma razão identitária.

O desenvolvimento da consciência revolucionária em grupos sociais desses países derivou, justamente, da relação dialética das “múltiplas memórias” das lutas emancipatórias. Esta foi construtora de uma identidade nacionalista e anti-imperialista que, por exemplo, almejou tornar-se absoluta nestas sociedades. Desta forma, podemos dizer que essa a consciência política foi atravessada pelos inúmeros imaginários presentes nos atores políticos e sociais em cada país.

Essa consciência, utilizando os elementos debatidos por Charaudeau, foi composta pelos “imaginários fundadores” (democracia, soberania nacional e participação popular) propagados pelos grupos de opinião dos movimentos revolucionários de cada sociedade. Foi através da relação entre os imaginários sociais e o posicionamento dos grupos de opinião que se constituiu a consciência política, objetivo último do discurso político.<sup>XIII</sup>

Corroboramos, neste sentido, com Charaudeau<sup>XIV</sup>, quando ele afirma que o “imaginário é efetivamente uma imagem da realidade, mas imagem que interpreta a realidade, que a faz entrar em um universo de significações, (...), a realidade tem, portanto, a necessidade de ser percebida pelo homem para significar (...) é essa atividade de percepção significante que produz os imaginários”.

Os discursos políticos proferidos por Rafael Corrêa, Hugo Chávez e Nicolas Maduro foram materializados em *slogans*, panfletos e construções imagéticas que agiram com o intuito de materializar a racionalização discursiva. Os “variados imaginários” almejavam a persuasão e a adesão aos processos revolucionários. Por isso, as representações sociais construídas por esses discursos reivindicaram valores e símbolos identificados com a transformação socio-econômica presente em cada nação estudada.

ARAÚJO, R.

Nestes discursos, a soberania nacional, o igualitarismo e a solidariedade foram evocados enquanto elementos fundamentais a serem utilizados para o desenvolvimento de uma nova identidade nacional e da própria ideologia revolucionária. Nas palavras de Chávez:

São cinco as raízes da revolução, da dialética e da concentração de idéias: Miranda, Sucre, Zamora, Bolívar e Simon Rodríguez (...) A Universidade Militar Bolivariana também poderá formar profissionais civis em soberania, segurança, defesa e quantas formas de saber que tem a ver com as tarefas de defesa nacional, de desenvolvimento nacional (...) nossa academia nasceu em plena efervescência revolucionária, para servir à revolução. (...) Estamos aqui duzentos anos depois, em revolução, como nascemos e como seremos de agora em diante e para sempre, escola de revolucionários, de patriotas.<sup>XV</sup> (Tradução do autor)

Desta forma, acreditamos no constructo de distintas ideologias nos dois casos bolivarianos abordados neste artigo. Suas construções derivaram de diferenciadas utilizações da memória, que foram mobilizadas para a reivindicação da identidade dos grupos locais. Como reconheceu o próprio ex-mandatário equatoriano Rafael Corrêa, o passado foi utilizado com o intuito de legitimar, por exemplo, as ações pretensamente revolucionárias. De acordo com ele:

(...) Não haverá retrocesso neste processo porque somos fiéis ao pensamento de Bolívar. *O Libertador* (grifo do autor) foi o primeiro a impor, como também fizemos, a elevar ao grau de Generala a sua Manuela Sáenz. Bolívar esteve na vanguarda da ressurreição americana (...). Nós seguimos os passos do *Libertador* (grifo do autor) na construção do que ele chamava de nações, nações irmãs, que desfrutarão de soberania, segundo sua vontade e consciência.<sup>XVI</sup> (Tradução do autor)

A construção de novos projetos de sociedade, nos países analisados, perpassou pelo emprego dos símbolos da luta de emancipação. Mais do que referências políticas, seus usos almejam desenvolver novos instrumentos ideológicos e discursivos que se ancoraram na construção cultural reivindicativa da memória das lutas de independência. Segundo dizeres de Rafael Corrêa:

(...) sabemos que não há culturas sem memórias, que não há desenvolvimento sem povos entusiasmados por suas identidades. Por isso, agora, inauguramos um país que se ancora em políticas culturais que favorecem o diálogo entre os diversos, a criação cultural e artística. Para nós, a cultura não é um feito decorativo, é um bem social. E não pouparemos nenhum neste caminho.<sup>XVII</sup> (Tradução do autor)

O passado foi utilizado não apenas para justificar as lutas políticas e sociais em curso, mas também para potencializar a construção/afirmação política dos grupos políticos revolucionários. As imagens do passado foram reivindicadas para o surgimento dessa nova ideologia, que objetiva representar os novos grupos sociais no poder.

### **Os discursos políticos revolucionários no Equador e na Venezuela**

As presidências de Rafael Corrêa e Hugo Chávez expressaram mais um momento dos diversos usos da figura de Simon Bolívar na história latino-americana. Não só a sua imagem, mas de outros artífices das lutas emancipatórias, tais como Simón Rodríguez, Manuela Sáenz e Miranda, foram utilizadas para dar um sentido revolucionário e transformador aos processos políticos equatoriano e venezuelano. Igualmente, o passado das revoluções liberais da segunda metade do século XIX, sobretudo no Equador, também foi apropriado para legitimar estes fenômenos.

ARAÚJO, R.

No caso venezuelano, a imagem do Bolívar utilizada por Hugo Chávez não foi do herói isolado do fim da vida, mas o do mito opulente, artífice fundamental da luta contra a colonização espanhola. Ou seja, temos o uso do “Bolívar revolucionário” e integrador, que nutriu durante sua vida o sonho da união hispano-americanos no pós-emancipação.

O chavismo se apropriou do “Bolívar revolucionário” para legitimar um discurso nacionalista, anti-imperialista e latino-americanista. A sua presença nos discursos e projetos políticos de Chávez não ocorreu, apenas, após sua ascensão à presidência e o início da intitulada revolução bolivariana, mas tem raízes no início da trajetória política de Hugo Chávez, com a formação do Movimento Bolivariano Revolucionário-200 (MBR-200).

Segundo Hugo Chávez:

(...) O movimento revolucionário foi carregado de uma ideologia, a ideologia bolivariana. Nós a formulamos durante muito tempo. Essa ideologia tem uma sustentação ética, filosófica, política que foi articulada a de outros pensadores e autores venezuelanos, o general Zamora, as terras livres, os homens livres de Simón Rodríguez, o sábio, o Rousseau americano, segundo chamou Bolívar em algumas ocasiões. Assim, fomos criando uma força transformadora, uma força cívico-militar, pouco a pouco nos fomos armando de uma ideologia, de uma força e uma estratégia (...) (Tradução do autor).<sup>XVIII</sup>

A estratégica recuperação da figura de Bolívar almejou significar o chavismo de um sentido revolucionário. Isso pôde ser visualizado na constante publicação de livros e textos que abordam a vida e o passado de lutas do prócer da emancipação ou mesmo na intensa apropriação da imagem de Bolívar e de outros líderes das emancipações hispano-americanas do século XIX. Com a superação das disputas políticas com a oposição venezuelana em 2004<sup>XIX</sup>, o chavismo começou a propagar a revolução bolivariana, ligando de forma mais intensa o projeto político comandado por Hugo Chávez às lutas de independência no início do século XIX.

A revolução bolivariana consistiu na integração das vontades, sentimentos, recordações e a valorização histórica da luta contra o colonialismo espanhol, da luta libertária por independência e a resistência cultural. O bolivarianismo funcionou como uma amálgama de aspectos ideológicos, gerado mais pela oportunidade de uma conjuntura histórica vinculada à necessidade de se impulsionar a justiça social, a igualdade, a liberdade e o desenvolvimento integral do povo venezuelano.<sup>XX</sup>

Como afirmamos, o “bolivarianismo chavista” recuperou pontos bastante específicos do discurso de Simón Bolívar. Os aspectos autoritários e conservadores presentes nas suas falas foram propositadamente “esquecidos”. Tzvetan Todorov<sup>XXI</sup>, ao discutir os usos políticos da memória e os esforços de rememoração realizados pelo aparato de propaganda de determinados governos, ressaltou que o esquecimento é uma opção, um afastamento de detalhes que, por alguma razão, interessam ou não. Longe de se opor à memória, o esquecimento é um de seus traços constituintes. A memória se configura no contraste e na interação entre a supressão e a conservação de determinados fatos ou acontecimentos. Esta seleção certamente envolve critérios, conscientes ou não, que orientam variadas formas de utilização do passado.

A imagem do Bolívar revolucionário utilizada por Chávez almejou legitimar a sua ideologia bolivariana. Esta foi ancorada na adoção de um discurso político de ruptura com o *status quo*, apontando para o desenvolvimento da integração regional e para a construção de um novo socialismo, o chamado socialismo do século XXI.

Para isso, as imagens de luta do passado cumpriram um papel fundamental. A utilização da história das lutas de independência intencionou demonstrar que o povo pode ser protagonista da própria história, além de evidenciar que as lutas contra o imperialismo, as oligarquias e o novo modelo de sociedade são de possível desenvolvimento.

ARAÚJO, R.

Um dos aspectos de ruptura e enriquecimento da revolução bolivariana residiu, precisamente, em apostar em um processo de mudanças que, supostamente, perpetuasse as lutas de resistência iniciadas com a chegada dos espanhóis à América e que, na narrativa destas lideranças, se mantiveram até o século XXI. Por isso, as figuras do passado foram utilizadas pelo bolivarianismo. Segundo Villafaña<sup>XXII</sup>:

Não é um Marx desconhecido e distante das maiorias sociais quem convoca agitando as bandeiras da luta contra a injustiça social; é o próprio Bolívar, em companhia de Simón Rodríguez e Ezequiel Zamora quem se descobre como agitador, propagandista, organizador e estrategista do nosso processo de libertação. É a história que dignifica e compromete (...) onde o impulso ideológico conduz os povos à mobilização (...), mas a satisfação coletiva de se sentir parte da resistência indígena; das lutas de independência com Bolívar a frente e de sucessivas confrontações contra os inimigos da pátria ao longo da nossa história.

O passado de embates contra o colonizador foi, igualmente, utilizado para demonstrar que o exército venezuelano cumpriu um papel revolucionário e é um aliado da população:

Pudera dizer que nós somos e – certamente é assim – herdeiros do exército de Bolívar, o exército libertador. Mas isso não basta porque aqui passamos por fases nas quais os militares também assumiram ditaduras contra o povo, massacraram o povo (...) Em todo caso havia antecedentes distantes que é necessário e justo invocar. Em verdade o nosso exército nasceu das mãos de orientação bolivariana, é um exército libertador. E assim se chamou desde a origem: o Exército Libertador. Essa marca tem um peso histórico que não se pode negar.<sup>XXIII</sup> (Tradução do autor)

As imagens do passado não foram apropriadas, apenas, para dar um sentido revolucionário aos processos políticos aqui analisados. Elas foram, igualmente, aproveitadas para dar sustentação a uma aliança essencial ao chavismo, principalmente, e ao correrismo, ou seja, o da população com as Forças Armadas. Essa associação ocorreu não apenas por sua composição social, cuja totalidade da oficialidade advém de estratos sociais baixos ou médios da sociedade, mas também pelo passado da luta emancipatória.

A comemoração do bicentenário das independências no Equador e na Venezuela almejou vincular as lutas emancipatórias do século XIX ao chavismo e correísmo, que consubstanciariam as novas batalhas emancipatórias. Essa ligação pode ser visualizada na comemoração pelo governo equatoriano dos 186 anos da Batalha de Pichincha, último grande confronto da independência do país, como podemos observar nas palavras de Rafael Corrêa:

O povo *criollo*, mestiço, venceu em Pichincha, em 24 de maio de 1822, igual que ao que fizera em *Caracabobo y Boyacá* e um pouco mais tarde em Junín e, finalmente, em Ayacucho. Nessas gloriosas batalhas de nossa primeira independência, brigamos unidos *quiteños*, *guayaquileños*, venezuelanos, argentinos, peruanos, bolivianos, colombianos (...) todos com a causa da liberdade. Para além do entusiasmo, do brilhantismo do triunfo, houve quem sabiamente anunciou com assombrosa evidência nos muros *quiteños*: ‘último dia do despotismo e primeiro do mesmo’, evidenciando assim, desde aquele momento, a tarefa pendente de nossa segunda e definitiva independência. (grifos do autor) (Tradução do autor).<sup>XXIV</sup>

As imagens do passado foram utilizadas para a legitimação das intituladas revoluções cidadã e bolivariana. Os princípios revolucionários e algumas das suas bandeiras políticas encontraram no passado de lutas suas justificativas para a sua aplicação. Estas revoluções utilizaram as diversas memórias decorrentes das lutas emancipatórias para explicar e sedimentar processos políticos que advogam a segunda independência da América do Sul. Como observamos, o bolivarianismo almejou construir um presente de lutas e uma nova

ideologia transformadora se ancorando no passado. Integração, cidadania, justiça social, soberania, democracia, soberania, entre outros “espíritos do passado”, foram recorrentemente utilizados nos discursos políticos de Rafael Corrêa e, em especial, Hugo Chávez para justificar as supostas revoluções por ele lideradas.

### Considerações finais

Após 2014, a história latino-americana foi marcada pela crise socioeconômica e pelo fortalecimento das direitas, que cresceram, entre outras motivações, pela crise de representação política emanada na região desde meados da segunda década do século XXI, como observamos nos diagnósticos realizados pela Corporação Latino-Barômetro em seus relatórios de acompanhamento das democracias regionais divulgados em 2021 e 2023.

Este cenário político foi notabilizado pela ocorrência de um ciclo de mobilizações populares que fortaleceu as direitas, sobretudo, as suas frações mais radicais. Isso pode ser constatado no apoio angariado junto a setores da sociedade civil por alguns dos seus mais proeminentes líderes políticos, como Daniel Noboa (Equador), Javier Milei (Argentina), Jair Bolsonaro (Brasil), Luis Fernando Camacho (Bolívia) ou Jose Antonio Kast (Chile). A eleição de Jair Bolsonaro para a presidência brasileira, em 2018, e as vitórias de Daniel Noboa, no Equador, e Javier Milei, na Argentina, em novembro de 2023, foram os principais símbolos do protagonismo das diversas organizações sociais e lideranças políticas das direitas.

Em nosso olhar, a compreensão das razões que possibilitaram o fortalecimento recente das direitas na América do Sul também perpassa pela análise da onda rosa. Para além de avaliarmos os seus méritos, devemos nos debruçar pela sua história para também identificarmos seus possíveis equívocos. Por isso, tentamos realizar nesse trabalho um diagnóstico das apropriações do passado nas revoluções cidadã e bolivariana com o intuito de também pensarmos as incongruências entre os discursos e a prática governamental.

### Notas

<sup>I</sup> Professor Adjunto de História da América da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em História (PPGH)/UERJ e Professor Colaborador do Programa de Pós-Graduação em História Comparada (PPGHC) da UFRJ. Membro do Grupo de Trabalho (GT) de Ensino de História e Fontes da Associação Nacional de Pesquisadores e Professores de História das Américas (ANPHLAC). Pesquisador associado ao Laboratório de Estudos da Imigração (LABIMI)/UERJ e ao Grupo de Estudos do Tempo Presente (GET) da UFS. Bolsista Pró Ciência da UERJ. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7551-6448>.

<sup>II</sup> PEREIRA DA SILVA, Fabrício. *O Fim da Onda Rosa e o Neogolpismo na América Latina*. Revista Sul-Americana de Ciência Política, v. 4, n. 2, 2018, PP. 165-170.

<sup>III</sup> LEYTON, Juan Carlos Gómez. *La revolución en la Historia — reflexiones sobre el cambio político en América Latina*. In: RAJLAND, Beatriz; COTARELO, María Celia. *La revolución em el bicentenario — reflexiones sobre la emancipación, clases y grupos subalternos*. Buenos Aires: Clacso, 2009.

<sup>IV</sup> ELLNER, Steve. *The Distinguishing Features of Latin America's New Left in Power: The Chávez, Morales, and Correa Governments*. Latin American Perspectives, v. 39, n. 1, p. 96–114, jan. 2012.

<sup>V</sup> MARX, Karl. *O dezoito brumário de Louis Bonaparte*. São Paulo: Centauro Editora, 2008. P. 15.

<sup>VI</sup> AMOSSY, Ruth. *Imagens de si no discurso – a construção do ethos*. São Paulo: Editora Contexto, 2008, 1º reimpressão. Pp. 9-22.

<sup>VII</sup> MAINGUENEAU, Dominique. *Ethos, cenografia, incorporação*. IN: AMOSSY, Ruth. *Imagens de si no discurso – a construção do ethos*. São Paulo: Editora Contexto, 2008, 1º reimpressão. P. 76.

<sup>VIII</sup> CORREA, Rafael. Discurso ante el congreso de la República Bolivariana de Venezuela. Caracas, 5 de julho de 2010. P. 6. Disponível em: [http://www.presidencia.gov.ec/pdf/discurso\\_congresoven.pdf](http://www.presidencia.gov.ec/pdf/discurso_congresoven.pdf) Acesso: Fev/2011.

<sup>IX</sup> ROUSSO, Henry. *A memória não é mais o que era*. IN: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína. FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína. *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2010, 2º reimpressão. Pp. 95-96.

- <sup>X</sup> CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso político*. São Paulo: Editora Contexto, 1º edição, 1º reimpressão, 2008. P. 190.
- <sup>XI</sup> *Chávez en la ONU: Nada podrá detener la Revolución en América Latina*. Disponível em: <http://www.chavez.org.ve/temas/discursos/chavez-onu-nada-podra-detener-revolucion-america-latina/> Acesso: Dez/2010
- <sup>XII</sup> CHARAUDEAU, Patrick. P. 253.
- <sup>XIII</sup> CHARAUDEAU, Patrick. P. 263.
- <sup>XIV</sup> CHARAUDEAU, Patrick. P. 204.
- <sup>XV</sup> *Discurso del presidente Hugo Chávez en el acto conmemorativo de los 200 años de la Academia Militar de Venezuela*. Disponível em: <http://www.chavez.org.ve/temas/discursos/academia-militar-venezuela/> Acesso: Set/2010.
- <sup>XVI</sup> CORREA, Rafael. *Discurso conmemoración natalicio Simón Bolívar*. Disponível em: <http://www.presidencia.gov.ec/discursos/07-24-07%20Discurso%20Natalicio%20del%20Libertador%20Sim%C3%B3n%20Bolívar%20ADvar.pdf> Acesso: Fev/2011.
- <sup>XVII</sup> CORREA, Rafael. *Intervención del presidente de la República, Rafael Correa, durante la posesión presidencial*. Quito, 10 de agosto de 2009. Disponível em: <http://www.presidencia.gov.ec/discursos/10-10-9%20Discurso%20posesi%C3%B3n%20Presidencial.pdf>
- <sup>XVIII</sup> *Chávez y la revolución bolivariana. Conversaciones con Luis Bilbao*. Buenos Aires: Capital Intelectual S.A, 2002, p. 18-19.
- <sup>XIX</sup> Entre 2002-2004 o chavismo viveu o seu maior período de disputa política com a oposição. Destacamos os seguintes acontecimentos nesses anos: um golpe de Estado contra Chávez em abril de 2002, um *paro* empresarial e petroleiro entre dezembro de 2002 e fevereiro de 2003 e um referendo revogatório do mandato presidencial de Chávez em agosto de 2004.
- <sup>XX</sup> VILLAFANA, Luis. *Revolución en la revolución*. Caracas, Fundación Editorial el perro y la rana, 2007. P. 63
- <sup>XXI</sup> TODOROV, Tzvetan. A conservação do passado. In: *Memória do mal, tentação do bem: indagações sobre o século XX*. São Paulo: Editora ARX, 2002. P. 149
- <sup>XXII</sup> VILLAFANA, Luis. Op. Cit. P. 64.
- <sup>XXIII</sup> *Chávez y la revolución bolivariana. Conversaciones con Luis Bilbao*. Op. Cit. P. 30.
- <sup>XXIV</sup> CORREA, Rafael. *Intervención del presidente de la república, Rafael Corréa, en el acto conmemorativo de la Batalla del Pichincha*. Ibid, Op. Cit, p. 2.

### Referências bibliográficas

- AMOSSY, Ruth. *Imagens de si no discurso – a construção do ethos*. São Paulo: Editora Contexto, 2008, 1º reimpressão.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso político*. São Paulo: Editora Contexto, 1º edição, 1º reimpressão, 2008.
- Chávez en la ONU: Nada podrá detener la Revolución en América Latina*. Disponível em: <http://www.chavez.org.ve/temas/discursos/chavez-onu-nada-podra-detener-revolucion-america-latina/> Acesso: Dez/2010.
- Chávez y la revolución bolivariana. Conversaciones con Luis Bilbao*. Buenos Aires: Capital Intelectual S.A, 2002.
- Corporación Latinobarómetro – Informes 2021 e 2023. Disponíveis em: <https://www.latinobarometro.org/lat.jsp> Acesso: Ago/2023.
- CORREA, Rafael. *Discurso ante el congreso de la República Bolivariana de Venezuela*. Caracas, 5 de julho de 2010. P. 6. Disponível em: <http://www.presidencia.gov.ec/pdf/discursos/congreso.pdf> Acesso: Fev/2011.

---

\_\_\_\_\_. *Discurso conmemoración natalicio Simón Bolívar*. Disponível em: <http://www.presidencia.gov.ec/discursos/07-24-07%20Discurso%20Natalicio%20del%20Libertador%20Sim%C3%B3n%20Bo%20l%C3%ADvar.pdf> Acesso: Fev/2011.

\_\_\_\_\_. *Intervención del presidente de la República, Rafael Correa, durante la posesión presidencial*. Quito, 10 de agosto de 2009. Disponível em: <http://www.presidencia.gov.ec/discursos/10-10-09%20Discurso%20posesi%C3%B3n%20Presidencial.pdf> Acesso: Fev/2011.

\_\_\_\_\_. *Intervención del presidente de la república, Rafael Corrêa, en el acto conmemorativo de la Batalla del Pichincha*. Disponível em: <https://www.presidencia.gob.ec/wp-content/uploads/downloads/2013/10/2008-05-24-Discurso-por-Batalla-del-Pichincha.doc> Acesso: Fev/2011.

*Discurso del presidente Hugo Chávez en el acto conmemorativo de los 200 años de la Academia Militar de Venezuela*. Disponível em: <http://www.chavez.org.ve/temas/discursos/academia-militar-venezuela/> Acesso: Set/2010.

ELIZALDE, Rosa Miriam y BÁEZ, Luis. *Chávez Nuestro*. Havana: Editora Abril, 2004.

ELLNER, Steve. *The Distinguishing Features of Latin America's New Left in Power: The Chávez, Morales, and Correa Governments*. Latin American Perspectives, v. 39, n. 1, p. 96–114, jan. 2012.

GOTT, Richard. *Hugo Chavez and the Bolivarian Revolution*. London-New York, Verso, 2005.

HOBSBAWM, Eric. *Nação e nacionalismo – desde 1780*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1997, 6ª Edição.

LEYTON, Juan Carlos Gómez. *La revolución en la Historia — reflexiones sobre el cambio político en América Latina*. In: RAJLAND, Beatriz; COTARELO, María Celia. *La revolución en el bicentenario — reflexiones sobre la emancipación, clases y grupos subalternos*. Buenos Aires: Clacso, 2009.

MARINGONI, Gilberto. *A Revolução Venezuelana*. São Paulo, Editora Unesp, 2008.

MARX, Karl. *O dezoito brumário de Louis Bonaparte*. São Paulo: Centauro Editora, 2008.

PEREIRA DA SILVA, Fabrício. *O Fim da Onda Rosa e o Neogolpismo na América Latina*. Revista Sul-Americana de Ciência Política, v. 4, n. 2, 2018, PP. 165-170.

QUINTERO, Inês. *Usos Políticos de la Historia en la Venezuela de Chávez y Maduro*. Disponível em: <https://www.estudiospublicos.cl/index.php/cep/article/view/47> Acesso: Jul/2021.

RABY, Diana. *Democracia e revolução: América Latina y el socialismo hoy*.

---

ROUSSO, Henry. *A memória não é mais o que era*. IN: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janáina. FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janáina. Usos e Abusos da História Oral. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2010, 2º reimpressão.

TODOROV, Tzvetan. A conservação do passado. In: *Memória do mal, tentação do bem: indagações sobre o século XX*. São Paulo: Editora ARX, 2002.

VILLAFANA, Luis. *Revolución en la revolución*. Caracas, Fundación Editorial el perro y la rana, 2007.